



MINISTÈRE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES ET DU DÉVELOPPEMENT INTERNATIONAL

DIRECTION GÉNÉRALE DE L'ADMINISTRATION
ET DE LA MODERNISATION

—
DIRECTION DES RESSOURCES HUMAINES

—
Sous-direction de la Formation et des Concours

—
Bureau des Concours et Examens professionnels

RH4B

**CONCOURS EXTERNE ET INTERNE POUR L'ACCÈS À L'EMPLOI DE
SECRETARE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES (CADRE GÉNÉRAL)
AU TITRE DE L'ANNÉE 2015**

ÉPREUVES ÉCRITES D'ADMISSIBILITÉ

Du 15 au 19 septembre 2014

PORTUGAIS

Durée totale de l'épreuve : 3 heures

Coefficient : 2

Toute note inférieure à 10 sur 20 est éliminatoire

Barème de notation : note en portugais 8 points ; note en français 12 points



Note en portugais :

Rédaction en portugais d'une note (450 mots avec une tolérance de plus ou moins 10 %) à partir de documents en portugais.

Ce dossier comporte 7 pages (page de garde non comprise)

SUJET :

En vous basant sur les documents suivants, vous évoquerez les motifs de la détérioration de la compétitivité du Brésil et les solutions envisagées.

Article 1

Competitividade: Brasil cai 16 posições em ranking global

Entre 2010 e 2014, o Brasil passou do 38º para o 54º lugar na classificação do Índice de Competitividade Global, do International Institute for Management Development (IMD). Os fatores que mais contribuíram para o desempenho negativo do país foram a queda da produtividade, a alta da inflação e a recuperação das economias centrais – caso dos Estados Unidos, por exemplo. Dos 60 países ranqueados neste ano, o Brasil superou apenas Eslovênia, Bulgária, Grécia, Argentina, Croácia e Venezuela.

Hérica Righi, responsável pela coleta e análise dos dados do Brasil para o ranking, aponta a falta de investimentos em infraestrutura como uma das principais causas da baixa competitividade do país. “A decadência e depreciação da infraestrutura ocorre no longo prazo. Esta é uma carência de décadas no Brasil”, alerta Righi, que também faz parte do Núcleo de Inovação da Fundação Dom Cabral (FDC). Segundo ela, a baixa taxa de inovação é outro motivo para a queda da competitividade da economia nacional perante os outros países.

A pesquisadora reconhece que fatores externos como a recuperação das economias centrais após a crise financeira de 2008 também contribuíram para a retração. Mas reforça a reponsabilidade do país pelos resultados negativos. “A questão está ligada à falta de efetividade de implementação de ações e investimentos programados, em especial em infraestrutura. Outro ponto é o não avanço de agendas importantes para o desenvolvimento da atividade empresarial, como forma de reduzir o chamado ‘custo Brasil’”, destaca.

A desvantagem do país frente a outros mercados se deve ainda a inflação elevada. Na opinião de Righi, a alta dos preços age como um “vilão” que prejudica a competitividade. “Quando os preços do Brasil aumentam mais do que em outros países, seus produtos ficam mais caros no mercado internacional. Isso diminui a procura, pois eles se tornam menos competitivos”, explica.

Em relação à recuperação do nível de competitividade perdido nos últimos quatro anos, Righi acredita que o Brasil terá dificuldades de reverter o quadro devido aos problemas estruturais do país. Para a pesquisadora, o caminho da mudança passa, necessariamente, pelo alinhamento entre governo e empresas com a agenda de desenvolvimento empresarial, pelo caráter contínuo dos investimentos e pela aplicação de recursos em infraestrutura.

O ranking do IMD se divide em quatro pilares: Desempenho da Economia, Eficiência do governo, Eficiência dos Negócios e Infraestrutura. Ele é composto por dois tipos de dados: “hard” e “soft”. Os dados “hard” se referem àqueles coletados em fontes oficiais como PIB, Investimentos, gastos, etc. e os dados “soft” reúnem percepções coletadas com executivos a partir de uma pesquisa aplicada.

In <http://www.imil.org.br/blog/>

Article 2

Em 4 anos, Brasil foi o que mais caiu em ranking global de competitividade

De 2010 para 2014, país perdeu 16 posições, diz Fundação Dom Cabral. Em 2014, país ficou no 54º lugar entre 60 locais pesquisados.

Nos últimos quatro anos, o Brasil foi o que mais perdeu posições no ranking mundial de competitividade. De 2010 para 2014, o país caiu do 38º lugar para o 54º entre as 60 economias analisadas pelo International Institute for Management Development (IMD) e pela Fundação Dom Cabral.

O estudo, que foi divulgado nesta quinta-feira (22), avalia as condições oferecidas pelos países para que as empresas que atuam neles tenham sucesso nacional e internacionalmente, promovendo crescimento e melhorias nas condições de vida da sua população. Um país competitivo tem bom desempenho econômico, boa infraestrutura e governos e empresas eficientes.

Depois do Brasil, entre os que caíram mais posições no ranking, nos últimos quatro anos, estão Índia, Austrália e Grécia.

“De 2010 a 2013, o Brasil vinha perdendo posições relativas, porque a competitividade de outros países estava aumentando. Agora em 2014 aconteceu algo diferente, a perda foi absoluta. O Brasil perdeu para ele mesmo. A competitividade, de fato, diminuiu”, disse Carlos Arruda, professor da Dom Cabral e responsável pela coleta e análise dos dados do estudo.

Na passagem de 2013 para 2014, o Brasil perdeu três posições no ranking, passando da 51ª para a 54ª, ficando à frente da Eslovênia, Bulgária, Grécia, Argentina, Croácia e Venezuela. Os primeiros lugares foram ocupados por Estados Unidos, Suíça e Singapura.

“O que levou o Brasil a cair tantas posições nesses últimos anos foi, principalmente, a não implementação dos investimentos em infraestrutura e a questão energética. Em 2013, o Brasil não teve um bom comportamento nesse setor e está entre os países com as tarifas mais caras do mundo. Aliado a isso está a disponibilidade energética, que antes não entrava na agenda de preocupação dos empresários”, afirmou Arruda.

Além de dados estatísticos, a pesquisa do International Institute for Management Development e da Fundação Dom Cabral considera as opiniões de executivos sobre a economia brasileira. E esse foi um dos itens que mais contribuíram para o resultado negativo deste ano, de acordo com o professor.

“A percepção da comunidade empresarial está negativa e isso foi importante para a queda [de posições]. Este ano está crítico nesse sentido.” Carlos Arruda também atribui parte do desempenho negativo no ranking à baixa participação do Brasil no comércio internacional, já que tanto o setor privado quanto o governo estão focados no consumo interno.

“[O resultado] é fruto do declínio das exportações para mercados tradicionais como Argentina, União Europeia e Estados Unidos, e do aumento das importações de produtos industriais provenientes principalmente da China e de outros países asiáticos”, disse o professor da Dom Cabral.

Na avaliação dos executivos ouvidos na pesquisa, de uma lista de 15 indicadores, os executivos escolheram os itens que consideram os mais atrativos da economia brasileira: “dinamismo da economia” e “atitudes abertas e positivas”. Por outro lado, a “competência do governo” e a “regulação tributária” são os apontados como os menos atrativos.

No ranking geral deste ano, o Brasil ocupa posições de destaque quanto ao tamanho da economia doméstica (7ª posição no indicador Consumo das Famílias), à atração de investimentos diretos (7ª posição) e ao emprego (6ª posição). No entanto, conforme pondera a pesquisa, esses dados “já não sustentam o crescimento do sétimo maior PIB do mundo”.

“É importante ressaltar que o país ainda mantém um percentual significativo do PIB investido em educação e saúde, o que é um resultado positivo, pois mostra que há interesse e atitudes voltadas para a melhoria destes dois fatores. Porém, diante dos resultados negativos do país nestes pilares, é preciso refletir se esses gastos estão realmente sendo feitos da forma eficiente e em que medida as ações estão corretamente direcionadas”, afirmou Arruda. O Produto Interno Bruto (PIB) corresponde à soma dos bens e serviços que um país produz e serve para medir a sua atividade econômica e o nível de riqueza [...]

In <http://g1.globo.com/economia>

Article 3

Por que o Brasil cresce menos do que pode?

No livro “Complacência – entenda por que o Brasil cresce menos do que pode” (Elsevier, 2014), os economistas Alexandre Schwartzman e Fabio Giambiagi fazem uma crítica à política econômica do governo. Em breve entrevista ao Instituto Millenium, durante o evento de lançamento da obra, dia 21 de maio, na Livraria da Travessa, em Ipanema, os autores explicaram que o Brasil abandonou uma agenda de reformas voltada à produtividade e necessária para o crescimento do país.

Segundo Schwartzman, o país cresceu apenas enquanto a agenda internacional esteve favorável. “Mas se preocupou pouco com a questão de melhorar a produtividade, melhorar a educação e, agora, a gente está pagando o preço pelo descaso dos últimos sete, oito anos, quando a agenda de reforma foi abandonada”, disse.

Giambiagi destacou que o país precisa deixar a zona de conforto e estabelecer um ambiente de maior competição. “A competitividade leva os países a progredir, a se superarem, a conseguir melhores resultados. O Brasil tem baixa competição e é uma das economias mais fechadas do mundo”, afirmou.

In <http://exame.abril.com.br/>, 27.05.2014

Article 4

Entenda por que a produtividade no Brasil não cresce

Nos últimos anos, as empresas brasileiras aumentaram sua produção contratando mais gente. Agora que os índices de desemprego estão em patamares historicamente baixos, há certo consenso entre especialistas, empresários e integrantes do governo de que, para a economia voltar a crescer em ritmo acelerado, é preciso aumentar a produtividade do trabalhador brasileiro.

"Pela primeira vez na nossa história falta mão de obra - o que nos obriga a aproveitar nossos trabalhadores de forma mais eficiente", diz Hélio Zylberstajn, professor de economia

da Universidade de São Paulo (USP), explicando por que a "produtividade" virou a bola da vez do debate econômico.

"Até os anos 80, os índices de produtividade brasileiros cresceram relativamente rápido em função de uma mudança estrutural da economia", diz Fernanda de Negri, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA). A população migrou para as cidades e começou a engrossar as fileiras de trabalhadores da indústria e serviços – setores cuja produtividade costuma ser maior que a do setor rural. "A China está vivendo um processo semelhante, por isso, para eles é mais fácil aumentar a produtividade de sua economia enquanto para nós, que precisamos melhorar a performance dentro de cada setor, é mais difícil", acredita.

Dados da entidade americana de pesquisas Conference Board mostram que os funcionários de empresas brasileiras produziram em 2013 uma média de US\$ 10,8 por hora trabalhada. Trata-se da menor média entre países latino-americanos. A chilena foi de US\$ 20,8, a mexicana, de US\$ 16,8, e a argentina, de US\$ 13,9. Além disso, a mesma entidade registrou um crescimento no índice de produtividade brasileiro de apenas 0,8% no ano passado, após uma queda de 0,4% em 2012. Para se ter uma base de comparação, o índice chinês teve alta de 7,1%.

Produtividade do trabalho é um indicador que dá a medida da eficiência do trabalho em cada lugar. Simplificando bastante, poderíamos dizer, por exemplo, que se no Brasil cada trabalhador produz 100 sapatos por mês e nos Estados Unidos, cada um produz 200, a produtividade no setor calçadista americano é o dobro da brasileira – embora na prática a questão seja muito mais complexa (leia quadros ao lado). Então porque um trabalhador no Brasil produz menos que um nos Estados Unidos, no Chile, Coreia do Sul ou Espanha?

Estamos tomando cafezinho demais, ignorando prazos para entrega de resultados e trocando muita figurinha da Copa do Mundo na hora do trabalho? A verdade é que as causas do baixo crescimento da produtividade no Brasil ainda são tema de um amplo debate. A revista britânica *Economist*, por exemplo, causou polêmica no mês passado ao sugerir que o problema poderia ser atribuído também a fatores culturais. "Poucas culturas oferecem uma receita melhor para curtir a vida", afirmou a publicação, citando um empresário estrangeiro que teria tido dificuldade para contratar profissionais comprometidos com o trabalho no Brasil. Para o economista da Unicamp, Célio Hiratuka, a tese é "simplista e talvez até um pouco preconceituosa". "Em termos de cultura gerencial, o Brasil não é tão diferente de outros países que têm produtividade mais elevada", opina. De Negri concorda que as causas do problema são muito mais complexas. "A produtividade do trabalho não depende só da capacidade ou empenho do trabalhador", diz. "Uma empresa que adquire máquinas mais modernas produzirá mais com o mesmo número de funcionários. Outra que precisa alocar muitos empregados para pagar impostos ou resolver questões burocráticas, será menos produtiva" [...].

In <http://www.bbc.co.uk>, 27.05.2014

Article 5

Brasileiros compram 'competitividade' lá fora

Em janeiro, os brasileiros gastaram no exterior US\$ 2,12 bilhões. Os estrangeiros que visitaram o Brasil gastaram US\$ 643 milhões, segundo dados do Banco Central. O que será que tem lá fora que não tem aqui? Certamente o turista que vem conhecer as belas praias ou cerrados do Brasil encontra muitas opções de produtos para levar de volta ao seu país.

Quando o brasileiro vai para lá, ele não quer nem saber de artesanato. Ele compra tudo de uma lista completa para uma vida inteira. Mesmo com o dólar mais caro desde o ano passado e o imposto bem elevado para as operações com dinheiro de plástico, o preço de “tudo” internacional ainda vale a pena, garante quem já conferiu.

As mercadorias procuradas pelos brasileiros no exterior são mais baratas por que são boas? Ou são boas por que são mais baratas? Talvez as duas respostas estejam corretas. Isso em economia se chama competitividade. Coisa que o Brasil perdeu bastante nos últimos anos.

As contas externas de um país refletem o ritmo e a intensidade das transações internacionais entre você e o resto do mundo. O ideal é mantermos um certo equilíbrio entre o que sai e o que entra, tanto em mercadorias quanto em investimentos financeiros. É sedutora a ideia de que a economia ganha se a balança pender mais para o positivo. Ela ganha mesmo – até que ela perca.

O Brasil desfrutou do lado positivo durante uma década. Exportamos a rodo, recebemos muito investimento estrangeiro, acumulamos reservas internacionais e nem mesmo a força das importações do mesmo período foi capaz de empurrar o pêndulo para o outro lado. Isso foi acontecer a partir de 2013, quando o país escorregou para o lado negativo da balança, expondo uma fragilidade desconfortante – só ganhamos quando concorremos com produtos da cadeia mais barata do comércio internacional.

O equilíbrio das contas externas só volta depois que os valores de tudo que entra e sai do país esteja ajustado à nova “tabela de preços” – isso para as economias que tem o câmbio flutuante, caso do Brasil. Com o dólar valendo mais do que em 2013, espera-se que este ano as importações arrefeçam e que os brasileiros passem a gastar menos lá fora, afinal os produtos vão encarecer. O real mais fraco ajuda os exportadores a faturarem um pouco mais, mesmo se venderem a mesma quantidade.

O déficit em conta corrente equivale hoje a 3,67% do PIB, pouca coisa acima de US\$ 81 bilhões. Essa relação está alta e subiu num ritmo muito forte e alarmante. Em 2012, esse indicador fechou em 2,4% do PIB. Cair para o lado negativo da balança foi rápido. Atravessar a borda para o outro lado leva muito mais tempo.

In <http://g1.globo.com>, 21.02.2014

Article 6

Para entender o que existe de relativo consenso sobre as causas do baixo crescimento da produtividade no Brasil, a BBC entrevistou especialistas de diversas linhas teóricas. O resultado dessa enquete são os quatro fatores, listados abaixo :

É consenso que trabalhadores mais qualificados têm condições de produzir mais e melhor. E que investir em qualificação ajuda a garantir profissionais para uma produção de maior valor agregado. Até aí, nenhuma novidade. A questão é que, nos últimos anos, o Brasil avançou no que diz respeito a escolaridade da população sem que isso se refletisse em seus índices de produtividade.

"Na última década tivemos um aumento de dois anos na média de estudo dos trabalhadores formais, segundo o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados)", diz De Negri. "Trata-se de um aumento importante no estoque de conhecimento - por isso, é uma surpresa que os índices de produtividade não tenham respondido a isso." Especialistas explicam tal descompasso com duas hipóteses.

A primeira estaria ligada à questão da qualidade da educação no país. O fato de quase 40% dos universitários brasileiros serem analfabetos funcionais (segundo o Instituto Paulo Montenegro) dá a medida do desafio que o Brasil tem pela frente nessa área.

A segunda hipótese se refere à suposta falta de alinhamento entre os conhecimentos que as escolas e universidades transmitem e o que as empresas precisam para produzir mais - problema que os economista definem como "brecha de habilidades". Nessa linha, são muitos os que apontam a necessidade de mais cursos técnicos no país.

"No Brasil e em outros países da América Latina há um estigma em relação ao ensino técnico que precisa ser quebrado", diz Carmen Pagés, especialista em mercado de trabalho do Banco Inter-Americano de Desenvolvimento (BID).

"O governo até está se esforçando para expandir as vagas no ensino técnico por meio do Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), mas mais uma vez precisamos de uma avaliação séria desse programa para entender se o que é ensinado corresponde ao que as empresas precisam", diz Zylberstajn, que também defende a criação de esquemas de treinamento nas empresas.

<http://www.bbc.co.uk>, 27.05.2014

Article 7

FMI está preocupado com queda do crescimento no Brasil

O Fundo Monetário Internacional (FMI) rebaixou nesta terça-feira o crescimento esperado para o Brasil em 2014 em cinco décimos, para 1,8%, e para 2015 em algo menos, dois décimos, para 2,7%.

O relatório "Perspectivas Econômicas Globais", publicado hoje pelo FMI, espera que o Brasil encerre o ano abaixo de 2,3% de crescimento registrado em 2013, algo que a instituição multilateral vê como "uma situação preocupante" e que acontece também em outras economias emergentes importantes como Rússia, África do Sul e Turquia.

"A economia brasileira se manterá em um ritmo baixo, com o crescimento caindo para 1,8% em 2014. As limitações pelo lado da oferta, especialmente em infraestruturas, e o insistente baixo investimento privado são lastros para a atividade e refletem a baixa competitividade e confiança empresarial", indica o FMI.

A desvalorização do real e a alta inflação é outro dos problemas, ressalta o relatório do FMI, que espera que a política monetária brasileira se mantenha neutra este ano, após ter sido restritiva durante o exercício anterior.

No entanto, segundo o Fundo, a demanda está se apoiando nessa depreciação da moeda local - que barateia as exportações -, assim como "nos ainda altos salários e no crescimento do consumo", o que contrasta com o baixo investimento privado e que é sintoma de uma má confiança empresarial.

O FMI espera que a inflação encerre este ano em 5,9%, na parte alta da faixa-alvo do governo brasileiro, e caia levemente em 2015, para 5,5%.

A balança em conta corrente manterá até 2015 um déficit similar ao do ano passado, de 3,6% do PIB, enquanto o desemprego aumentará levemente de 5,4% de 2013 para 5,6% em 2014, passando para 5,8% no ano seguinte.

O Brasil é a maior economia da América Latina e uma das emergentes que mais viu a projeção de crescimento de seu Produto Interno Bruto (PIB) ser rebaixada para os próximos dois anos, junto com Rússia e África do Sul.

In <http://www.efc.com>, 08.04.2014

